



FERNANDO DE LIGÓRIO

A ALQUIMIA NEGRA DO CULTO DE EXU

A TRADIÇÃO DAS SOMBRAS
TEXTO 3

PALAVRAS INICIAIS

A ma pergunta singela norteia todo o caminho da iniciação. Enquanto o neófito, o iniciado ou o adepto hesitar em fazê-la ou estar consciente dela e de sua resposta, todo e qualquer caminho é tomado em vão; é como seguir por uma estrada e não saber até onde ela vai levar; um exercício que na maioria das vezes conduz ao fracasso. A pergunta é: *qual é o destino que quero dar a minha alma após a minha morte?* Essa pergunta foi muito cara aos iniciados do passado, profundamente preocupados com o destino de suas almas. Trata-se de uma pergunta norteadora porque todo sistema de iniciação, culto de mistérios ou religião etc. leva a alma humana para algum lugar. Então sabendo qual é o destino que se quer conduzir a alma após a morte, o caminho para conquista deste objetivo torna-se claro, muito embora segui-lo constitua uma labuta árdua e severa, um ordálio de iniciação.

A Quimbanda, um culto brasileiro de mistérios do caminho da mão esquerda, oferece um norte através de um processo de alquimia espiritual. A ignição deste processo e seu *modus operandi* são as ferramentas teúrgicas que a Quimbanda oferece; entre os principais, o conhecimento e a conversação com os Poderosos Mortos através da paranormalidade pessoal desperta (capacidades mediúnicas) e do corte sacerdotal propiciatório as deidades da Quimbanda. Essas duas ferramentas atuam poderosamente na alma, operando um profundo processo de transmutação alquímica nela. Na Quimbanda chamamos este processo de *Alquimia Negra da Alma*. Para explicá-lo, no entanto, teremos de empreender uma jornada até o passado na intenção de construir uma ponte entre a Quimbanda e suas ferramentas teúrgicas de deificação da alma, a teurgia clássica neoplatônica e a feitiçaria dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS. Será possível identificar que a Quimbanda não formula absolutamente nada de novo. O Culto de Exu no Brasil emula os cultos e tradições de mistérios, usando a mesma tecnologia espiritual que no passado feiticeiros, magos e teurgos utilizaram. E é por esse motivo que a Quimbanda, efetivamente, funciona, tanto na apoteose mística da alma quanto no exercício taumatúrgico da feitiçaria.

No caminho da mão esquerda o exercício que leva a apoteose da alma, quando ela torna-se deificada, é distinto do exercício que encontramos para a mesma finalidade nas escolas da mão direita. Para a compreensão desse processo de alquimia e deificação da alma na Quimbanda, portanto, será preciso identificá-los no caminho da mão direita. Por conta disso, primeiro vamos explorar o conceito de *ochēma-pneuma* construído na teurgia neoplatônica; passaremos a deificação da alma através do auxílio do espírito tutelar, o *paredros* dos papiros gregos, para então encontrar suas equivalências na tradição de Quimbanda.

SEÇÃO . I .

VEÍCULO PNEUMÁTICO

O conhecimento *popular* acerca da constituição ou estrutura espiritual – imaterial mas efetivamente existente – que a visão ocultista moderna dissemina vem do tantrismo, mas refratada através das lentes da Sociedade Teosófica. Seguindo a interpretação teosófica da estrutura espiritual hindu, muitas outras escolas modernas no Ocidente desenvolveram reinterpretações dessa doutrina. Assim, temos escolas modernas que dizem que *temos quatro corpos*, i.e. físico, astral, mental e espiritual; outras dizem que temos cinco, o físico, etérico, astral, mental e espiritual; ainda, outras propõem seis, o físico, etérico, astral, mental inferior, mental superior (intelectual) e espiritual; e finalmente, as escolas que falam de sete corpos: físico, etérico, astral inferior, astral superior, mental inferior, mental superior e espiritual (intelectual). Uma salada de frutas emprestada da cultura tântrica. O que muitos ocultistas modernos não sabem é que o Ocidente produziu sua própria visão da estrutura espiritual baseada na filosofia platônica e neoplatônica.

O sagrado comunica até ao corpo um eco de sua própria qualidade: assim o corpo se torna não só animado e intelectual, mas também divino.

Proclo, ELEMENTOS DA TEOLOGIA

A filosofia está unida à arte das coisas sagradas, já que esta arte se ocupa da purificação do corpo luminoso e, se você separar o pensamento filosófico dessa arte, descobrirá que ela não tem mais o mesmo poder.

Hierócles, IN CARMEN AUREUM

Vamos começar com a ideia de *aesthesis*¹ na prática da teurgia. Os deuses invocados na teurgia penetram no reino da geração, infundindo nele seus códigos de luz. Os teurgos incorporam esses deuses por meio da oração fervorosa, inspiração divina (transe mediúnico) e do ritual. É por meio de uma

¹ Do grego antigo αἴσθησις que significa *percepção sensorial, sensação*; do tronco αἰσθάνεσθαι que significa *perceber*. Aqui a *sensação* entra como uma oposição direta a *intelecção (noesis)*, quer dizer, *entendimento* e também a *dianóia*, o pensamento discursivo. De modo geral, *aesthesis* se opõe a qualquer movimento intelectual. Para Platão, *aesthesis* pode ser classificada como visões, sonhos, odores, frio, calor, angústia, medo, prazer, alegria etc. e incontáveis sensações sem nome (TEETETO, 156b). Para Plotino, a *aesthesis* do mundo da geração só produz intelecção obscura (*noesis*) e a *aesthesis* dos planos noéticos são percepções puras e vívidas. Fílon de Alexandria fala de uma *aesthesis* noética, relacionada ao *nous*, o Intellecto de Deus.

vida *aestética* que eles entram em contato com os deuses. Longe de escapar do mundo da geração e do uso dos sentidos, o teurgo emprega a experiência *aestética* como a necessária codificação e o veículo através do qual esta ocorrerá a deificação do *corpo sutil* da alma, o *ochēma*.² No ritual teúrgico, o *ochēma*, purificado pela oração diária, é preenchido com a luz dos deuses e torna-se resplandecente, que dizer, o teurgo se torna um *augoeides*: uma incorporação do divino. O papel do *ochēma* não é tirar a alma do reino subluar; antes, o *ochēma* estando repleto de luz, ele se torna simultaneamente um veículo para a descida do deus e a deificação da alma. Tornar-se um *augoeides*, portanto, é tornar-se idêntico aos deuses, compartilhar de suas virtudes e luminosidade.

A arte da divinação³ tem como propósito a deificação da alma, por isso oráculos eram tidos em alta medida aos filósofos e teurgos do passado. Por meio da divinação a alma recebe um influxo divino que, como um presente natural dos deuses (e não dos *daimones*) a eleva e leva na sua direção transformando-a num veículo (*ochēma*) dos deuses. Devemos cuidar para não confundir a *divinação* de origem divina daquela humana e Jámblico é bastante claro a este respeito. A divinação pode ser considerada como uma, entre muitas maneiras, pelas quais os deuses se manifestam a nós. Porém, em todas elas deve-se ressaltar que é o deus quem realiza o trabalho divinatório e não os homens,⁴ não podendo este trabalho se encaixar apenas na esfera da palavra mas, sobretudo, na da ação e, portanto, da teurgia, não importando saber o futuro, mas somente a vontade dos deuses.

Buscando definir a teurgia, nos deparamos com muitas definições, sendo que algumas delas parecem se desviar da essência daquilo que o termo evoca, além do que ele significa. A definição baseada no entendimento de Jámblico, no entanto, é essa: a teurgia trata-se de uma manifestação muitas vezes involuntária de um estado interior de santidade que deriva da combinação de bondade e conhecimento no qual o primeiro elemento prevalece. Dessa maneira, a teurgia representava a tentativa de Jámblico de corrigir os excessos de racionalização da filosofia dos seus contemporâneos gregos e recuperar a sabedoria viva dos antigos recebida diretamente dos deuses. Transmitidos através dos ritos de sacrifício e de divinação, a teurgia é uma

² Literalmente, *veículo*; o barco que leva as Almas dos mortos, a *carruagem da Alma* no FEDRO de Platão. Em Aristóteles, *ochēma* é entendido como *pneuma* – a sede da imaginação (*phantasia*), análoga àquele elemento de que as estrelas são feitas. O *ochēma-pneuma* como um corpo astral funciona como um portador quase imaterial da Alma irracional; os *daimones* têm um *pneuma* enevoado que altera sua forma em resposta a imaginação de que o convoca e, assim, eles aparecem em formas sempre mutáveis. Para Jámblico, o veículo etérico e luminoso (*aitherodes kai augoeides ochēma*) é o receptor de *phantasiai* divinas. o *ochēma* leva a Alma ao estado de encarnação e se obscurece até se tornar completamente material e visível: o corpo material ou carnal é também uma espécie de *ochēma*. Proclus distinguiu *ochēma* como: 1) o maior, imaterial e luminoso *ochēma* no qual Demiurgo de Platão coloca a Alma (TIMEU, 41e) e; 2) o inferior, *pneumatikon ochēma*, que é composto dos quatro elementos e serve como veículo da Alma irracional, sobrevivendo à morte corporal, vagando como um *Egun*. É esse tipo de *ochēma* que comparece a maioria das reuniões kardecistas de mesa branca.

³ O termo *divinação* sugere uma forma de predição que vem de Deus. Inúmeros tradutores preferem utilizar o termo *adivinhação*. Optamos pelo termo *divinação* em português porque o termo *adivinhação* parece se associar mais à magia e à predição de acontecimentos futuros livres do que a profecia, seu sentido mais profundo enquanto predição que vem de Deus. Nos termos da teurgia e cultos de mistérios do passado, *divinação* implica em *incorporação*, quando a consciência é solapada pela presença divina.

⁴ Jámblico, DE MYSTERIIS, 3, 7 [115].

atividade, uma experiência e uma revelação concreta através da qual os seres humanos recuperam a sua identidade divina ao se tornam veículos dos deuses.

O termo teurgia não pode ser compreendido, a não ser quando se experimenta a transformação que a experiência promove na alma.⁵ É neste sentido que Jâmblico diz a Porfírio que ele jamais irá compreender como a alma é arrebatada e possuída pelo divino, elevando-se ao nível dos deuses ao ser transformada em um veículo da deidade, se não atuar o rito ele próprio.

Não obstante, não basta aprender apenas estas coisas, nem é o caso de que alguém que saiba apenas estas coisas se torne mestre da ciência divina. Mas faz-se também necessário saber o que é a possessão divina e como ela se dá. Assim, então, crê-se, falsamente, que seja um transporte da mente por inspiração *daimônica*. Pois o intelecto humano não é nem arrebatado quando é realmente possuído, nem é o caso que a inspiração venha dos *daimones*, mas dos deuses. No entanto, não se trata sequer de êxtase puro e simples, mas de uma exultação e transferência rumo ao que é superior, ao passo que o frenesi e o êxtase na verdade revelam uma perversão rumo ao que é inferior. Mais ainda, aquele que representa este êxtase diz algo sobre a característica eventual daqueles que estão inspirados, mas não coloca o dedo na ferida. Quer seja, eles mesmos são totalmente possuídos pelo divino, consequência do que, é o êxtase. Mas uma pessoa não deve supor com acerto que a possessão divina pertence à alma ou a uma de suas faculdades, ou ao intelecto ou a uma de suas faculdades ou atividades, ou às fraquezas corporais ou sua ausência. Nem se deveria supor razoavelmente que isso se dê deste modo, pois ser transportado por um deus não é nem uma realização humana, nem isso baseia seu poder nas partes humanas (do corpo) ou atividades. Mas, por outro lado, estes são, ao contrário, subordinados, e o deus usa-os como instrumentos; por outro lado, toda a atividade da divinação (profecia) chega à sua realização através do deus agindo por si, puramente desapegado de outras coisas, sem que a alma ou o corpo se mova de modo algum. Daí que, as divinações, ao serem realizadas com acerto, como já disse, ocorram realmente e verdadeiramente. Mas quando a alma toma a iniciativa, ou é perturbada durante a divinação, ou o corpo interrompe e perverte a harmonia divina, as divinações tornam-se turbulentas e falsas, e a possessão não é mais verdadeira nem genuinamente divina.⁶

Jâmblico criticava os falsos artífices de sua época da mesma maneira que hoje os criticamos. Devemos, no entanto, cuidar para não mantermos, com relação à teurgia proposta por Jâmblico, os mesmos preconceitos ao nos protegermos daquilo que *ainda* desconhecemos porque, como ele mesmo diz, isso só pode ser apreendido na experiência dos ritos não podendo ser compreendido pela razão. Em seu esforço por explicar a arte divinatória, Jâmblico culmina na redação do seu DE MYSTERIIS, onde ele elabora a sua defesa da teurgia.

A Alma se torna precisamente aquilo que vê

Plotino

Todas as coisas no mundo da natureza não são controladas pelo destino, pois a alma tem um princípio próprio.

Jâmblico

⁵ Jâmblico, DE MYSTERIIS, 1, 2 [6].

⁶ Jâmblico, DE MYSTERIIS, 3, 7 [114-115].

O DE MYSTERIIS de Jâmblico é um tratado polêmico escrito por um filósofo e teurgo platônico exasperado pela profunda incompreensão de seu antigo mestre, Porfírio, em relação à sua tradição comum: a teurgia.⁷ O estilo de vida divino que tinha sido a herança dos platonistas e pitagóricos estava perdendo-se, segundo Jâmblico, devido a erros no pensamento metafísico e – mais significativamente – à importância exagerada dada ao pensamento abstrato sobre a experiência direta dos deuses.⁸ Os erros de Porfírio eram emblemáticos de uma tendência crescente entre os filósofos gregos que perderam contato com a prioridade e a profundidade dos símbolos e rituais divinos. Enquanto a reflexão racional foi certamente valorizada entre os pitagóricos e platonistas, por muito tempo foi sua prática – especialmente entre pitagóricos – subordinar seu discurso filosófico à sabedoria esotérica transmitida por símbolos divinos recebidos pelos antigos.⁹ Portanto, a promoção vigorosa da teurgia de Jâmblico não deve ser vista, como alguns argumentam, como uma tentativa de introduzir algo novo em sua tradição – por exemplo, um esforço para competir com o cristianismo –, mas sim preservar algo antigo, a integridade e a santidade de seu estilo de vida filosófico.¹⁰

Em seu DE MYSTERIIS, Jâmblico tornou explícito o que estava implícito em sua tradição: a experiência íntima da divindade reconhecida e compartilhada por ambos os filósofos e pela comunidade. Mas no final do Séc. III d.C. isso foi ameaçado pelos novos hábitos intelectuais dos gregos. Jâmblico defendeu o elemento esotérico da teurgia, a saber, que o objetivo da vida filosófica é realizado não se tornando apenas bons seres humanos, mas tornando-se deuses. Nisto ele seguiu Plotino, professor de Porfírio, que disse precisamente o mesmo: *Nossa preocupação não é simplesmente evitar o erro, mas ser deuses, [...] pois é para com os deuses que devemos nos tornar semelhantes, não para com os bons homens.*¹¹ Sob a rubrica da teurgia, Jâmblico estendeu esse entendimento a todas as formas de culto onde os seres humanos incorporam os deuses em sessões de divinação.¹²

O fato de Porfírio ter desprezado os ritos teúrgicos como indignos de um filósofo platônico era sintomático de quão mal orientados os gregos ha-

⁷ Veja, por exemplo, o tom irônico de Jâmblico onde ele diz que as suposições de Porfírio sobre deuses e *daimones* estão tão distantes de *delinear as características próprias de suas essências que alguém seria incapaz de sequer conjecturar qualquer coisa sobre elas*. DE MYSTERIIS, 49, 9-13. Veja também 156, 3-5; 26, 12-14.

⁸ Jâmblico sentia que sua tradição estava ameaçada pela heresia do intelectualismo. Foi precisamente contra essa heresia que ele dirigiu seus esforços, procurando proteger o núcleo revelador do platonismo daqueles que o reduziram a uma estrutura de abstrações.

⁹ Os neoplatônicos compartilham da crença de que a sabedoria não pode ser transmitida por pensamento ou linguagem racional. Dessa maneira, os neoplatônicos se engajam em intensa reflexão racional que visa não esboçar verdades dogmáticas, mas diferente disso, despertar o elemento não-discursivo e simbólico em um exercício ritual. Jâmblico dizia ser este exercício ritual o *modo simbólico de discurso*.

¹⁰ A noção de que a teurgia era uma tentativa de competir com o cristianismo continua a atrair mesmo eruditos eminentes como Pierre Hadot. Ele rejeita o elemento ritual da teurgia como *supersticioso e pueril, uma tentativa infeliz de competir com o cristianismo*. Em O QUE É FILOSOFIA ANTIGA?, Edições Loyola, 2014. Quanto à tendência entre os gregos sobre a arrogância racional e instabilidade intelectual, veja Jâmblico, DE MYSTERIIS, 259, 5-14. Veja também Algis Uždavinys, PHILOSOPHY & THEURGY IN LATE ANTIQUITY (Angelico Press, 2010); Olavo de Carvalho, FILOSOFIA E SEU INVERSO & OUTROS ESTUDOS (Vide Editorial, 2012).

¹¹ Plotino, ENÉADA, I,2; 6.3.

¹² Como demonstrado no texto TEURGIA & GOÊCIA, o que difere teurgia de goêcia não se trata do método executado, mas da intenção do executor. Tradições como o Işese Lagba são altamente teúrgicas, estando dentro do tronco *xamanismo* ou *teurgia africana* (cabala crioula).

viam se tornado. Enganados pela arrogância do poder discursivo, filósofos como Porfírio acreditavam que sua capacidade de pensar abstratamente os libertava das restrições do domínio material. Na opinião de Jâmblico, suas construções conceituais e falta de piedade¹³ tinham exatamente o efeito oposto: as separavam da divindade do mundo da geração e da comunhão com os deuses. DE MYSTERIIS é a tentativa de Jâmblico em demonstrar a importância da recepção dos deuses no ritual teúrgico e a transformação do corpo sutil da alma, o *ochēma*, através de atos de divinação e sacrifícios.

Porfírio solicitou a Jâmblico uma explicação sobre como, precisamente, os deuses se fazem presentes na divinação uma vez que o teurgo perde a consciência. Ele explicou:

Esta é a maior evidência; para muitos, mesmo quando o fogo é aplicado a eles, não são queimados, já que o fogo não os toca por causa de sua inspiração divina. E muitos que são queimados não reagem, porque neste momento eles não estão vivendo a vida de uma criatura [mortal]. E alguns que são perfurados não têm consciência disso, nem outros que são golpeados nas costas com machados; ainda outros cujos braços são cortados com facas não sentem nada. *Suas ações não são de forma alguma humanas, porque o que é inacessível torna-se acessível sob a possessão divina [inspirada]*. Eles se lançam no fogo e andam através do fogo, e andam sobre rios como a sacerdotisa em Castabala. A partir desses exemplos, fica claro que aqueles que são [divinamente] inspirados não estão conscientes de si mesmos e não levam nem a vida de um ser humano nem um animal vivo no que diz respeito à sensação ou apetite; eles trocam sua vida por uma outra vida mais divina, pela qual eles são inspirados e pelos quais são completamente possuídos.¹⁴

Obviamente, ser perfurado com facas, cortado com machados e exposto às brasas e ao fogo não está no itinerário dos filósofos platônicos. Mas o exemplo daqueles que passavam por essa experiência demonstrou claramente tanto para Porfírio quanto para nós hoje, que os seres humanos são capazes de mudanças profundas na consciência. Este tipo de fenômeno extático, a incorporação de deidades diversas semelhante à descrição de Jâmblico está ocorrendo ainda hoje em culturas diversas. Quimbanda, Umbanda, Candomblé, Vodun etc. são tradições de cabala crioula que preservaram e refinaram essa tecnologia espiritual. O êxtase, saindo da orientação habitual, era um elemento essencial em toda a teurgia e Jâmblico revela a mecânica sutil envolvida nesses estados extáticos. Em sua opinião, a consciência é removida de nossos corpos físicos quando outro corpo toma posse dele, invisivelmente presente no reino da geração; a invasão seria ativada em momentos de liberação extática, quando o corpo sutil se expande ao ponto de permitir que outro corpo espiritual o penetre. Este corpo sutil é descrito por Jâmblico como o veículo da alma (*ochēma tēpsuchēs*) e é através dele que ela anima o corpo físico e recebe a presença dos deuses. É através do *ochēma* que a alma entra na vida encarnada, e é através desse mesmo *ochēma* que a alma recebe os deuses e se torna divina. Se o filósofo platônico se tornaria um deus encarnado, como Plotino encorajou, foi por meio do *ochēma*.

¹³ No sentido grego, *piedade* significa prestar honra aos deuses da forma devida.

¹⁴ Jâmblico, DE MYSTERIIS, 110, 4-111, 2.

Enquanto que a essência do platonismo é que o Bem é a razão última da alma encarnada no reino da geração, é seguro dizer que a essência do neoplatonismo é o retorno da alma ao Bem, o que consiste em um trabalho duro sobre a própria alma, sua *salvação*. Para os neoplatônicos, portanto, a teurgia consiste em uma ferramenta de operação sobre a alma através de seu veículo, o *ochēma*. Nesse caminho, ele cumpre três funções:

1. Abriga a Alma Intelectual em sua descida do reino noético ao reino da geração;
2. Atua como o órgão da percepção dos sentidos e da imaginação;
3. Através dos rituais teúrgicos pode ser purificado e elevado aos reinos noéticos de luz e perfeição, um veículo para o retorno racional da alma através do cosmos aos deuses.

Essa doutrina está completamente exposta em Platão. No TIMEU (41e), onde o Demiurgo coloca as almas em veículos estrelados (*ochēmata*), em AS LEIS (899a) e no FEDRO (247b) onde os veículos da alma são identificados novamente como *ochēmata*. Aristóteles desenvolveu uma teoria de que cada alma possui um corpo pneumático celeste e de natureza etérica que serve como intermediário entre a alma imaterial e os sentidos físicos. Isso é deveras interessante, pois estabelece uma relação entre a alma e os sentidos. Os sentidos têm profundo impacto na alma. Como dito por Plotino na citação acima, *a alma se torna exatamente aquilo que vê*. É através de seu veículo pneumático, o *ochēma*, que a alma recebe impressões do mundo exterior. É preciso estabelecer, portanto, um *filtro* adequado para receber e digerir as impressões que a alma recebe por meio dos sentidos. Os hindus desenvolveram um mecanismo de filtro denominado *pratyāhāra*,¹⁵ onde se pretende estabele-

¹⁵ *Pratyāhāra* é o estágio de *entrada* na meditação profunda. É o alicerce fundamental de todas as práticas meditativas do yoga, formando o substrato de todas elas. É um estágio, uma condição espiritual que se divide em quatro etapas: 1. *Primeiro, nós começamos a desenvolver consciência*. A definição clássica de *pratyāhāra* é a *retirada* ou *abstração dos sentidos*. Tem sido dito que assim como uma tartaruga é capaz de recolher todos os seus membros para dentro do casco, da mesma forma o *yogī* deveria ser capaz de recolher toda extensão dos sentidos e da mente do exterior para o interior. *Contudo, se nós aplicamos a lógica comum a este processo, nós iremos entender que não é uma simples questão de se desligar de tudo e se fechar para o mundo exterior. É antes de tudo se tornar consciente do que está acontecendo externamente e como nós estamos reagindo*. Então, na primeira etapa de *pratyāhāra*, os sentidos são plenamente estendidos ao mundo externo, permitindo-nos experimentar sua completa atividade, seja no sentido do tato, paladar, visão, olfato ou audição. 2. *Segundo, nós observamos nossas reações aos estímulos sensoriais*. Por exemplo, se surgisse um repentino e agradável aroma de rosas na sala, a maioria de nós faríamos uma profunda respiração e diríamos: *Oh!* É apenas um cheiro, mas este cheiro desperta muitas reações dentro de nós. Um sentimento, uma expressão, uma lembrança podem estar associados ao sentido do olfato. Logo, muitas reações diferentes se manifestam ao mesmo tempo, ao passo que nós nem mesmo percebemos todas elas. Se sentirmos o cheiro de carne estragada iremos nos levantar, colocar nossa cabeça para fora da janela e dizer *yrk!* A mesma coisa está acontecendo novamente. Se algo é suave e agradável, temos a sensação de prazer. Se algo é áspero de desagradável, não queremos tocá-lo. Essas são reações comuns, mas ao mesmo tempo são profundas reações aos estímulos sensoriais externos. Na segunda etapa de *pratyāhāra*, após nós termos expandido nossos sentidos externamente, *temos que aprender como manter nosso equilíbrio, como desenvolver imunidade as influências dos sentidos*, que são externas por natureza. 3. *Terceiro, nós recolhemos a consciência das experiências externas para as experiências internas dos sentidos*. Começamos a ver a conexão que uma experiência sensorial tem com nossa mente interior. Como o cheiro desperta memória? Como um cheiro incita a sensação de prazer ou aversão? *O reconhecimento e a percepção do processo mental associado com os sentidos é a terceira etapa de pratyāhāra*. 4. *Quarto, nós percebemos e harmonizamos as atividades interiores*. Depois de ter reconhecido o que experimentamos interna e externamente, e após termos desenvolvido imunidade, nós começamos a etapa final de *pratyāhāra*. É a experiência de

cer controle sobre os sentidos e seus órgãos correspondentes. O ditado popular *diga-me com quem andas e te direi quem tu és* transmite um pouco da ideia de que a alma se alimenta daquilo que vê, que está em contato, se transformando a partir disso. Esse ditado popular é dito se encontrar na BÍBLIA, mas não está, de fato. No entanto, há outras passagens que o explicam com uma sabedoria refinada. Em PROVÉRBIOS (13:20): *Quem andas com sábio será sábio; mas o companheiro dos tolos sofre aflição*. Em SALMOS (1, 1-6) Deus exorta para que seus fies não andem no caminho dos ímpios e em MATEUS (13, 1-23) Jesus fala dos perigos do apego ao mundo material na jornada espiritual. Todas essas passagens explicam que nossa alma se torna naquilo que ela tem contato. É por isso também que todas as tradições fidedignamente espirituais, do Ocidente ao Oriente, colocam ênfase na relação direta entre aluno e professor, pois é vivendo com o mestre no dia-a-dia que o discípulo irá absorver as suas genuínas qualidades espirituais. *A filosofia*, disse Pierre Hadot, *não se aprende em livros, mas do Logos puro exercitado na relação do professor com seu aluno*.¹⁶

Se o *pneuma* de Aristóteles é composto de matéria etérica, estelar, ele é comparado ao *ochēma* de Platão, o veículo da alma. O que os hermetistas modernos vieram a chamar de Corpo de Luz ou Corpo Astral (protoplasmático, energético, perispírito etc.), é o mesmo *pneuma* de Aristóteles ou o *ochēma* de Platão, um corpo intermediário na forma de um ovo de luz. É interessante o formato ovalado do *ochēma*, cuja proporção é áurea, uma razão divina capaz de trazer para si as *qualidades* daqui que vê ou entra em contato. Para Jâmblico, portanto, a alma possui um veículo etérico que anima o corpo com seu alento (*pneuma*) que coordena todas as funções sensoriais, quer dizer, a relação da alma com o mundo através dos sentidos. Este veículo da alma, o *ochēma*, também está associado a fantasias e isso segue a crença de Aristóteles de que as imagens mentais são necessárias para envolver o mundo. A *imaginação*, como o próprio *ochēma*, funciona como uma espécie de intermediário entre os reinos material e imaterial.¹⁷

Se é através do *ochēma* que a alma se torna um deus, necessariamente ele desempenha um papel fundamental na divinação teúrgica. Jâmblico fornece algumas dicas sobre como esta transformação acontece. Naturalmente, nós procuramos compreender a função teúrgica do *ochēma* através de descrições discursivamente coerentes. Porfírio fez exatamente isso em suas indagações a Jâmblico. Ele pediu a Jâmblico que articulasse uma explicação sensata, compreensível a razão e precisa sobre a mecânica pelo qual ocorre a divinação. No entanto, Jâmblico repreende Porfírio por pensar que a divi-

śūnya, o nada ou vazio, ganhando controle sobre as ações e reações inconscientes dos sentidos e da mente, interrompendo assim suas interações. *Śūnya* é apenas a transição de um estado de meditação para o outro, da consciência para concentração e a concentração se inicia com *dhāraṇā*. Veja o texto O ELO PERDIDO DO YOGA, Fernando Liguori.

¹⁶ Pierre Hadot, O QUE É FILOSOFIA ANTIGA? (Loyola, 2014).

¹⁷ Todas as técnicas de visualização para desdobramento do Corpo de Luz na modernidade estão baseadas neste princípio fundamental, assim como na consagração de uma estátua ou talismã com o veículo pneumático de um deus. Quando o teurgo coloca o veículo pneumático de um deus em uma estátua ou talismã, está animando, infundindo *pneuma* no objeto consagrado.

nação é um processo compreensível como qualquer fenômeno natural ou técnica humana capaz de ser analisada pelo pensamento discursivo.

Pois, de acordo com a essência da sua pergunta, você acredita em algo como isto sobre a presciência: *que ela pode vir a existir*, e está entre *as coisas existentes na natureza*. Mas não é uma das coisas que vêm à existência, e não se comporta de maneira alguma como uma mudança natural, nem é um artefato inventado para uso na vida cotidiana, nem é, em geral, uma conquista humana.¹⁸

Das três funções do *ochēma* acima descritas, a terceira é a mais importante na nossa discussão, de que o veículo da alma pode ser purificado e elevado aos reinos noéticos de luz e perfeição, transformando-se em um veículo para o retorno da alma através do cosmos aos deuses. Tanto em Jâmblico como em Proclo abundam informações de como o *ochēma* retorna aos reinos noéticos de luz e perfeição. Jâmblico foi pouco generoso para com Porfírio ao repreendê-lo, dizendo-lhe – e por extensão todos os que pensam como Porfírio – não apenas que sua suposição sobre a divinação é ortodoxa e equivocada, mas que seu próprio modo de pensar está equivocado, mantendo-o alienado do divino transcendente e qualquer esperança de compreender o fenômeno.

Para estudiosos que filtram evidências e fornecem relatos racionais sobre a filosofia antiga, a repreensão de Jâmblico é muito séria. Existe um desafio em compreender a linguagem dos platonistas tardios. Plotino costumava dizer que o pensamento discursivo em si é um tipo de feitiçaria que nos coloca sob o encanto dos nossos *pensamentos*.¹⁹ Jâmblico diz a Porfírio que ele precisa de um *talismã mental* para protegê-lo do hábito de tentar entender os fenômenos teúrgicos nos termos do pensamento discursivo.²⁰ Para qualquer estudioso que pensa e escreve discursivamente, faz sentido que o *ochēma* purificado permita que a alma suba através do cosmo e se junte aos deuses. Afinal, Jâmblico diz explicitamente que a alma faz uma ascensão (*anagōgē*).²¹ A partir disso nós podemos visualizar a alma subindo através das esferas planetárias e no seu curso o *ochēma* se purifica na medida que galga níveis mais sutis, afastando-se do reino da geração. Esse tem sido o caminho das principais escolas teúrgicas da era moderna. No entanto, embora precioso seja esse conhecimento e deveras importante, só isso não basta. Jâmblico diz a Porfírio: *o que você está tentando aprender é impossível*, pois Porfírio queria entender a divinação em termos racionais. O desafio contínuo dos platonistas tardios era que eles usavam a linguagem discursiva como um *glifo*, levando não a conclusões racionais, mas a uma consciência não-

¹⁸ Jâmblico, DE MYSTERIIS, 100, 1-5.

¹⁹ Plotino, ENÉADA, IV, 4-43.

²⁰ O termo que Jâmblico usa é μέγιστονάλεξιφάρμακον (*o maior talismã / contra-feitiço*). Veja DE MYSTERIIS, 100, 8; 101, 2. Platão usa ἀλεξιφάρμακον de maneira semelhante para indicar um antídoto para visões errôneas. Aqueles que legislam devem possuir os escritos do *legislador divino* e usá-los como um talismã (ἀλεξιφάρμακον) contra todos os outros discursos. Veja AS LEIS, 957d.

²¹ Ao longo do DE MYSTERIIS Jâmblico argumenta que a presença dos deuses – através de suas teofanias ou *sunthēmata* – eleva a Alma aos reinos de luz e perfeição. A apoteose da alma na teurgia é imaginada como uma *subida* (*anagōgē*) aos deuses. Mas é precisamente como devemos entender essa *ascensão* teúrgica e como Jâmblico a compreendia o tema central dessa primeira parte de nosso estudo.

semântica que, nos termos de Jámblico, era ativada através da teurgia.²² Então, para clarear a função teúrgica do *ochēma* como um veículo purificado adequado a ascensão da alma aos reinos de luz e perfeição, seria mais interessante vê-lo não como um veículo de ascensão, mas como um veículo de descida, por onde os deuses se revelam na alma e através dela. Desta forma, o *ochēma* cumpre o objetivo da vida platônica, transformando teurgos em deuses: não como estátuas elevadas e inertes erguidas acima da poluição do mundo, mas como deidades que vivem e respiram em carne na região sub-lunar.²³

O aspecto corporificado e vívido da divinação teúrgica pode ser mensurado nas palavras de Jámblico para Porfírio depois de explicar as revelações nos santuários de Asclépio:

Mas por que passar por tais ocorrências, uma por uma, quando os eventos que acontecem todos os dias (καθ' ἡμέραν αἰετισμυπιπτόντων) oferecem uma clareza maior do que qualquer explicação (κρείττονα τοῦ λόγου)?²⁴

Os santuários asclepianos, os oráculos de Delfos, Claros e Dídimos, e o exemplo dos teurgos extáticos imunes à dor das facas e do fogo, todos demonstram os efeitos da possessão teúrgica (ou incorporação mediúcnica). Mas Jámblico parece quase desconsiderar esses exemplos extraordinários e *oráculos muito famosos*.²⁵ Ele parece mais interessado na divinação que era a experiência cotidiana daqueles que vivem em comunhão com os deuses.

A prática diária de Jámblico era a oração. Ele diz claramente que nenhum ritual teúrgico pode ocorrer sem ela²⁶ e que na oração o *ochēma* é purificado.

A prática prolongada da oração nutre nosso intelecto, amplia grandemente o receptáculo dos deuses da nossa alma, revela-nos a vida dos deuses, acostuma nossos olhos ao brilho da luz divina e gradualmente aperfeiçoa nossa capacidade de união íntima com os deuses. Eleva nossos hábitos de pensamento e nos dá os dos deuses [...]. Aumenta o amor divino e inflama a presença divina da alma. Limpa (ἀποκαθαίρει) todas as tendências contrárias da alma e remove de seu veículo etéreo e luminoso (αἰθερώδους καὶ ἀύγοιδοῦς πνεύματος) tudo inclinado à geração [...]. Faz com que aqueles que oram [...] companheiros dos deuses (ὁμιλητὰς τῶν θεῶν).²⁷

²² Jámblico afirma que, embora a *henosis* não ocorra *sem conhecimento*, esse conhecimento só é útil se nos levar além do conhecimento, pois *a união e a purificação divina vão além do conhecimento* (DE MYSTERIIS, 98, 7-10). Esse aspecto não-semântico do neoplatonismo, tão difícil e muitas vezes negligenciado, está presente em vários neoplatônicos. Por exemplo, em Plotino, sua significação do Uno, o Princípio Absoluto, não era semanticamente significativa.

²³ E este é o cerne da questão. Exotericamente pensamos no *ochēma* como um veículo de ascensão da alma e essa ascensão metafórica libera em nós a presença divina que se torna mais real, mais presente e mais encarnada. Ao se tornar *como o divino*, o teurgo entra em contato com o imortal e, por meio dessa participação, torna-se divino, cheio de piedade e maravilhamento espiritual. E nessa experiência transformadora do *subir* mortal à imortalidade, em um momento distintamente teúrgico e teofânico, a perspectiva muda: não é mais o mortal alcançando a imortalidade, mas o contrário. O divino toma um corpo mortal e essa descida é inteiramente dependente de prover a ele um receptáculo adequado, um *ochēma* poroso para receber a luz divina. A subida e a descida da alma, embora discursivamente distintas, são esotericamente simultâneas e copresentes.

²⁴ Jámblico, DE MYSTERIIS, 109, 1-3.

²⁵ Jámblico, DE MYSTERIIS, 124, 1-2.

²⁶ Jámblico, DE MYSTERIIS, 238, 11-12.

²⁷ Jámblico, DE MYSTERIIS, 238, 13; 239, 10.

Para suportar os códigos de luz dos deuses é preciso se tornar divino. Na oração teúrgica, a alma é libertada das oposições da vida corporificada: a *dianoia*²⁸ fragmentada é substituída pela *noese*²⁹ unificada e as tendências contrárias do veículo pneumático também são unificadas, o que quer dizer que o veículo pneumático da alma assume completamente a forma esférica, como os corpos dos deuses celestes.³⁰

O corpo etéreo [dos deuses celestiais] está isento de toda contrariedade e está livre de toda mudança [...]. É totalmente liberado de qualquer tendência centrípeta ou centrífuga porque não tem tendência nem porque é movido em círculo.³¹

Em seu comentário sobre o TIMEU, Jâmblico diz que o Demiurgo cria a alma com um veículo *produzido de todo o éter (pantos tou aitheros) [...] [e] possuindo um poder criativo*.³² Mas diferente dos deuses celestiais, no exercício desse poder, nos tornamos autoalienados (*allotriōthen*). Quando em corpos animados, perdemos nossa forma esférica e ficamos presos nas oposições da vida material: as divisões, colisões, impactos, reações e mudanças que Jâmblico diz serem as experiências inevitáveis da vida no reino da geração.³³ Na oração teúrgica, equilibramos essas oposições no veículo pneumático de nossa alma, recebendo a partir daí a *noese* dos deuses. Como diz Jâmblico: *nosso ochēma é feito esférico e é movido circularmente sempre que a alma é especialmente assimilada ao Nous*.³⁴ O *ochēma* tem uma função crítica nessa assimilação. É o vaso no qual nos tornamos deuses e o vaso onde os deuses tomam posse de nossos corpos. Como disse Jâmblico: *o deus usa nossos corpos como seus órgãos*.³⁵ Mas, para se tornar um órgão do deus, o *ochēma* deve ser purificado e preenchido com luz, um processo que o neoplatônico Damascius no Séc. VI chama de *saturação fotônica*. Ele diz:

Como uma esponja, a alma não perde nada de seu ser, mas se torna porosa, rarefeita ou densamente compactada. O mesmo acontece com o corpo imortal da alma [...] [que] às vezes fica mais esférico e às vezes menos; às vezes é preenchido com luz divina e às vezes preenchida com as manchas de atos generativos.³⁶

Damascius contrasta a luz divina com as *manchas de atos generativos*, a mesma distinção que faz Jâmblico quando diz que a oração purifica o *ochēma* de *tudo o que tende à geração*.³⁷ Pode parecer que eles estão sugerindo

²⁸ Conhecimento, capacidade discursiva. Conceito chave em Platão. Veja o PARMÊNIDES.

²⁹ Compreensão imediata, além da capacidade discursiva (*dianoia*).

³⁰ Em seu livro A ÁRVORE DA VIDA, Israel Regardie cita Jâmblico várias vezes, atribuindo a ele o conceito chave de *inflama-te em oração*. É precisamente aqui que o conceito se aplica. Através da fervorosa oração, o *ochēma* é purificado e assume completamente a forma esférica ovalada que permite a recepção dos códigos de luz dos deuses.

³¹ Jâmblico, DE MYSTERIIS, 202, 10; 203, 1.

³² Veja John M. Dillon, IAMBlicHI CHALCIDENSIS, p. 196.

³³ Jâmblico, DE MYSTERIIS, 217.

³⁴ Veja John M. Dillon, IAMBlicHI CHALCIDENSIS, p. 152.

³⁵ Jâmblico, DE MYSTERIIS, 115, 4-5.

³⁶ Citado em John M. Dillon, IAMBlicHI CHALCIDENSIS, p. 174.

³⁷ Jâmblico, DE MYSTERIIS, 238, 8.

que o *ochēma* deve escapar da geração, mas não é o caso. Para Jâmblico, a ascensão da alma é realizada como a descida do deus: no vaso alquímico do *ochēma*, o deus se torna carne. A descida e ascensão da alma não são opostas, mas estão misteriosamente ligadas. Jâmblico diz: *Não há oposição entre a descida da alma e sua ascensão [...]. A liberdade [do reino da] geração está em harmonia com nossa preocupação com a vida gerada.*³⁸ Jâmblico aprova a visão dos platonistas do Séc. II. que ensinaram que o *propósito da descida da alma é para manifestar a vida divina, que a vontade dos deuses é revelar-se (ekphainesthai) nas almas humanas.*³⁹ Essa visão teofânica da existência humana não era nova em Jâmblico. Era uma tradição reconhecida dos filósofos pré-socráticos, platônicos, aristotélicos e estóicos: enquanto permaneciam mortais, eles se tornavam deuses. Mas na era de Jâmblico, o propósito hierático dessa tradição – enraizado na experiência não discursiva – estava sendo perdido devido a o intelectualismo e o dualismo metafísico que depreciavam a vida corporificada.

CONCLUSÃO DA SEÇÃO . I.

O CAMINHO DA MÃO ESQUERDA EM JÂMBLICO

A doutrina do tornar-se divino, tornar-se um deus encarnado no reino da geração, um cosmocrator vivo saturado de luz divina que aparece na filosofia pré-socrática antiga e outras tradições pelo mundo, está no cerne do caminho da mão esquerda. Outra doutrina do caminho da mão esquerda é a visão positiva do universo na corporificação da alma, a ideia de que o divino se apresenta ao homem no clímax da deificação ou apoteose da alma, elevando-a a condição divina. Em Jâmblico, embora inserido em uma cosmovisão demiúrgica tradicional do caminho da mão direita, nós vemos ambas as doutrinas. Através do refinamento e da purificação do veículo pneumático, no curso de sua piedade o teurgo poderia tornar-se um deus, um *augoeides* radiante de luz no reino da geração. Com sua visão positiva da encarnação da alma no reino da geração, Jâmblico criou ideias adversárias de mão esquerda típicas de seu tempo e de tempos antigos dentro do caminho da mão direita neoplatônico. Para nós que queremos explorar a *Alquimia Negra da Alma* na tradição de Quimbanda, o que tiramos da doutrina de Jâmblico exposta nessa Seção I?

Assim como um teurgo da Antiguidade, o feiticeiro-kimbanda de hoje tem por caminho norteador a *divinação* (ou deificação) total de sua alma através do fenômeno paranormal da *inspiração divina* ou *incorporação mediúnica*. A tecnologia espiritual individual que cada feiticeiro-kimbanda tem para isso é o veículo pneumático da alma que, saturado com a luz emanada do archote luciférico dos Exus e Pombagiras, torna-se um Ovo de Luz Negra. Nós nos debruçaremos sobre isso abaixo. Diferente da recepção de códigos

³⁸ Jâmblico, DE MYSTERIIS, 272, 7-11.

³⁹ Jâmblico, DE ANIMA, 54, 20-26.

de luz dos deuses *solares* da mão direita no veículo pneumático para a alma tornar-se um *augoeides*, os feiticeiros-kimbanda alimentam seus veículos pneumáticos com as virtudes dos Poderosos Mortos, Mestres e Guias da humanidade.⁴⁰ Mas isso não é novo. Como citei anteriormente, a Quimbanda não cria nada de novo; ela repete as fórmulas mágicas dos feiticeiros e magos do passado. Então, para compreendermos mais efetivamente essa doutrina na Quimbanda, nas próximas seções vamos novamente até a Antiguidade tardia visitar a teurgia de Jâmblico e a feitiçaria dos papiros gregos na doutrina soteriológica do espírito tutelar.

O caminho da mão esquerda pode ser rastreado nas entranhas da cultura helênica; nós encontramos ideias de mão esquerda em Pitágoras, Platão e em mitos gregos como o de Prometeu, que roubou o fogo dos deuses e o deu aos homens. Oculto, o caminho da mão esquerda travestiu-se de caminho da mão direita em muitas culturas, sociedades, cultos e religiões pelo mundo. Em Jâmblico encontramos muitas das doutrinas compartilhadas pelo caminho da mão esquerda e que influenciaram os gigantes e ilustres iniciados da Tradição Ocidental de Mistérios.

SEÇÃO . II .

DA TEURGIA GREGA A TEURGIA BRASILEIRA

Anteriormente nós vimos que o *ochēma-pneuma* trata-se do veículo pneumático da alma, como um invólucro tênue que envolve a alma na forma de um ovo de luz. A visão moderna que o ocultismo no ocidente tem deste veículo pneumático é importada da tradição hindu via Sociedade Teosófica no Séc. XIX. Mas a visão deste veículo pneumático que o mago da Antiguidade possuía foi desenvolvida pela própria Tradição Ocidental de Mistérios, cujo refinamento ficou sob a responsabilidade da tradição neoplatônica. É no neoplatonismo tardio ou *baixo* que ao *ochēma* foi dado maior atenção para os fins do trabalho teúrgico sobre a alma. É através do *ochēma* que os deuses podem influenciar e *envelopar* o teurgo, para usar um termo de Jâmblico. Ele sustenta que o teurgo veste-se com o manto dos deuses no curso do ritual, quando ocorre a *inspiração divina*, termo que Jâmblico usa para dizer *possessão daimônica* ou *incorporação mediúnica*. Em estado de transe/êxtase, o *ochēma* se expande consideravelmente, abrindo espaço para presença de um agente externo, uma deidade (deus, *daimon*, exu etc.) que temporariamente ocupa este *ochēma* expandido. Para Jâmblico, a *inspiração divina* só é efetiva quando o agente externo se apodera completamente do aparato psicofisiológico do teurgo, o que nós identificamos como *incorporação total* ou *inconsciente*, quando o médium/feiticeiro desliga-se completamente e apenas a deidade age em seu veículo pneumático. Sacerdotes de cabala crioula

⁴⁰ E deidades negras adversárias como Lilith, Ahriman e outros deuses antigos. O feiticeiro-kimbanda não é proibido de invocar outros deuses caso queira com eles travar comércio. Na tradição de Quimbanda *Exu abre linha*. Isso significa que seguindo a doutrina universal do espírito tutelar, o Exu ou *diabo pessoal* dá acesso a outros espíritos e forças espirituais.

falam de *incorporação consciente e semiconsciente*, querendo dizer que de certo modo o médium/feiticeiro participa do processo.

É através do *ochēma* que o teurgo recebe as virtudes dos deuses na alma. Isso é deveras importante ao comprometimento espiritual do teurgo com sua alma. Ao receber as virtudes dos deuses no *ochēma*, o que chamamos também de *enriquecimento de alma*, ele se torna um veículo pneumático luminoso (*augoeides*) através do qual a alma é deificada. É através do *ochēma* que a alma se alimenta, de tudo. Eu costumo dizer que a região sublunar, o reino da geração, é um grande mar onde tudo come tudo. Larvas astrais que perambulam pela região do plano astral tanto são devoradas por espíritos mais fortes quanto usam como carapaças, conchas invadidas, corpos astrais em decomposição, quando se tornam cascões astrais. Nós nos alimentamos e também servimos de alimento para tudo e todos, isso significa que influenciemos e somos influenciados por homens e os espíritos de todas as coisas. Mas existe uma forma de nos protegermos, de fortificarmos o *ochēma* para que ele se alimente apenas do que precisa para deificação da alma: o conhecimento e a conversação com o espírito tutelar. Este espírito tutelar na tradição de Quimbanda é o Exu Tutelar; na teurgia clássica neoplatônica, o *daimon pessoal*; na feitiçaria dos papiros gregos, o *paredros*.

A *possessão daimônica, inspiração divina* ou *incorporação mediúnica* é uma das ferramentas fundamentais da feitiçaria tradicional brasileira. Quando Jâmblico explica o fenômeno da *inspiração divina*, se vê obrigado a descrever os ritos de teurgia que possibilitam o fenômeno. Em sua descrição ele fala do uso de instrumentos musicais como tambores, pandeiros e flautas que induzem um estado de receptividade no *ochēma*, permitindo sua expansão e a partir disso a *possessão divina*. Ao conhecedor de cabala crioula, a descrição de Jâmblico não difere em nada de uma gira de Quimbanda onde Exus e Pombagiras são convocados a invadirem o veículo pneumático dos feiticeiros.

Para continuarmos, vamos considerar alguns pontos importantes em nossa jornada:

1. Todas as criaturas corpóreas da região sublunar, no reino da geração, possuem um *ochēma* ou veículo pneumático, pois ele sustenta a conexão da alma com o corpo. Não apenas as almas corporificadas, mas espíritos que atuam no reino da geração, deuses, heróis, *daimones* diversos ou os Exus da Quimbanda possuem *ochēma*. Sem um *ochēma* nenhuma criatura espiritual seria capaz de agir no reino da geração.
2. O *ochēma* não sofre alterações em sua natureza devido a fatores externos, mas sofre alteração em sua sutileza; o veículo pneumático da alma corporificada precisando ser purificado a partir de orações e invocações, banhos, fumigações e estilo de vida daimônico-espiritual-filosófico. Através do contato com a deidade tutelar, o *ochēma* torna-se um poderoso escudo contra ataques de magia negra, ácidos ou alcalinos.

3. Na tradição de Quimbanda cada alma é acompanhada por um Exu Guia ou Exu Mentor Espiritual, o Exu Tutelar. A interação entre o *ochêma* do feiticeiro-kimbanda e o *ochêma* do Exu Tutelar possibilita sua influência em sua alma e a possessão divina. No processo da incorporação, é como se o Exu Tutelar e o feiticeiro começassem a compartilhar de um só *ochêma* que passa a incluir o *ochêma* de ambos.
4. O Exu Tutelar e todas as deidades da Quimbanda são almas que um dia estiveram encarnadas no reino da geração; pela natureza de seus feitos em vida e a maneira pela qual elas transgrediram o limiar entre a vida e a morte, essas almas ganharam o direito e a honra de receberem o título de Exu ou Pombagira, conferido somente a almas deificadas. As deidades da Quimbanda são ancestrais divinizados. Diferentes, no entanto, da natureza dos deuses e outras criaturas espirituais dos éteres superiores, o veículo pneumático dos Exus e Pombagiras é negro; a constituição energética do veículo pneumático de um Exu é saturada com as virtudes dos Sete Reinos de Quimbanda a partir do trono de V.S. o Maioral, imortalizado no glifo da deusa Baphomet. Em contato com os feiticeiros-kimbanda, Exus e Pombagiras lhes transferem suas virtudes radiantes de luz negra. A *Alquimia Negra da Quimbanda* ocorre quando o adepto, saturado com a luz do archote lucíferico de seu Exu Tutelar, conquista a apoteose da alma.

Por ignorância, muitos são levados a crer que o conhecimento e a conversação com espíritos superiores, o anjo da guarda etc. livra a alma da danação no submundo e que o contato com Exus e Pombagiras leva a danação no inferno. Embora de certa maneira reflita uma realidade em termos soteriológicos, trata-se de uma deturpação que reflete apenas a escatologia criada pela cultura judaico-cristã e que perverteu inúmeros arcanos de iniciação do passado. É uma ignorância por muitos fatores! Por exemplo, um feiticeiro-kimbanda não pretende habitar os reinos de luz e perfeição dos éteres superiores. Na Quimbanda, estes éteres superiores são a morada de espíritos que trabalham para manutenção da escravidão dos ciclos de morte e renascimento de almas hipnotizadas ou *escravizadas* dentro de um sono profundo. Um feiticeiro da Quimbanda, ao contrário disso, pretende ser aceito nas Legiões de V.S. o Maioral, dentro de seu reinado espiritual que são os Sete Reinos da Quimbanda. E isto está em sincronia com as crenças espirituais dos magos e feiticeiros da Antiguidade, cujo objetivo era tornar-se uma alma deificada para auxiliar em espírito a comunidade, os magos e feiticeiros encarnados na legião dos vivos. Exus e Pombagiras são poderosos magos negros dos Sete Reinos da Quimbanda, treinados nas artes mágicas e que possuem grande sabedoria. Mas para que a alma de um feiticeiro-kimbanda possa ser aceita no reinado obscuro de V.S. o Maioral, uma alquimia distinta no *ochêma* ocorre.

Através da tecnologia mágico-espiritual do Culto de Exu os feiticeiros-kimbanda aperfeiçoam sua alma, despertam suas fagulhas ígneas e capaci-

dades inatas. O Culto de Exu produz uma alquimia distinta no *ochēma*, transformando sua qualidade em um Ovo Negro de Luz. Enquanto a teurgia (clássica neoplatônica) busca transformar o *ochēma* em um *augoeides* (Ovo de Luz), a Quimbanda opera uma alquimia de obscurecimento do *ochēma* para que a luz contida nos rincões mais sombrios da alma brilhe na escuridão; ao mesmo tempo, transformando o *ochēma* em uma carapaça rígida de proteção, um escudo negro intransponível. Esse escudo, no entanto, é fortalecido pela presença do Exu Tutelar, que passa a compartilhá-lo com o feiticeiro, operando como um filtro para tudo o que entra e de tudo o que sai. É como se o Exu Tutelar envolvesse o adepto com sua capa negra e colocasse a sua frente seu tridente de proteção.

Alguns Exus como o Sr. Exu Pantera Negra estão profundamente engajados na alquimia da alma de seus adeptos. A Quimbanda não sustenta nenhum tipo de vício ou faz apologia a uso de qualquer entorpecente; ou mesmo coaduna ou incentiva um estilo de vida de entrega desmedida aos sentidos e apetites animais. Esse tipo de comportamento afeta profundamente a qualidade do *ochēma*, atrapalhando a Alquimia Negra de Exu. Para que essa alquimia ocorra, o adepto deve procurar por um processo de simbiose entre seu *ochēma* e o de seu Exu Tutelar através de um sistemático processo de desenvolvimento mediúnic e aperfeiçoamento da alma, libertando-a das descargas emocionais descontroladas, da falta de firmeza na mente (e, portanto, vontade), da preguiça, apetites desmedidos, vícios e indisciplinas. Exu é dinamismo e potência, é poder criativo e ímpeto ígneo. São essas as virtudes que Exu transmitirá ao *ochēma* do feiticeiro.

Geralmente o Culto de Exu da Quimbanda é tido como uma baixa feitiçaria em contraste com uma teurgia de tipo superior encontrada na alta magia moderna de inclinação judaico-cristã. Mas isso é outra ignorância dos arcanos espirituais da Quimbanda. Os procedimentos mágicos da feitiçaria do Culto de Exu não são nada distintos dos procedimentos da teurgia clássica neoplatônica ou do xamanismo aborígine de muitas culturas. Não há procedimento nenhum que um feiticeiro-quimbanda faça que seja distinto do procedimento de um teurgo neoplatônico ou sacerdote de Umbanda. A distinção não está no exercício da feitiçaria, mas na cosmovisão e metalinguagem que se adota. Enquanto um teurgo neoplatônico lida com criaturas espirituais dos éteres de luz e perfeição e também aquelas do reino da geração e submundo, um feiticeiro-quimbanda lida apenas com almas de mortos deificadas, poderosos magos negros dos Sete Reinos da Quimbanda; eles são, portanto, necromantes (ou *nigromantes*), feiticeiros (*goês*) que lidam com Exus e Pombagiras para fins de divinação (necromancia/*nigromancia*) e magia (necrurgia).

DO PARETROS AO EXU TUTELAR

Para iniciarmos essa terceira seção, vamos começar pelas definições: **i.** o *paredros* da feitiçaria grega dos papiros é *qualquer* espírito assistente (tutelar), seja um espírito da natureza, a alma de um morto deificada (como os Exus e Pombagiras da feitiçaria tradicional brasileira) ou deidades diversas, que inclui deuses e demônios; **ii.** o *Exu/Pombagira Tutelar* (ou mestre) é um ancestral, a alma de um morto deificada, dotada de sabedoria e poder de magia.

No *Curso de Filosofia Oculta*, no nosso primeiro ano de estudo, *Módulo 1: Magia na Antiguidade*, nós estamos nos debruçando sobre os primórdios da magia goécia como compreendida e praticada na Antiguidade tardia e cujo epicentro foi a magia hermética dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS. Nas primeiras lições nós chamamos atenção para a grande similaridade que existe entre a magia dos papiros e a cabala crioula da África Setentrional. Nos primeiros séculos de nossa era, a região do Mediterrâneo tornou-se um caldeirão fervilhante onde as culturas mágico-religiosas do Egito, Grécia e Roma se encontraram com as culturas da Suméria, Babilônia, Acádia e Assíria. Todas essas culturas e cultos mágico-teúrgicos influenciaram profundamente a magia hermética dos papiros, que apresenta uma feitiçaria tipicamente goética: a conjuração de espíritos para diversos fins.

Afilhada a Tradição Ocidental de Mistérios, a Quimbanda ou feitiçaria tradicional brasileira trata-se de uma genuína tradição de feitiçaria que herda uma gama variada de tecnologias espirituais da feitiçaria dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS. O estilo de vida goético que culminou na feitiçaria tradicional brasileira chegou ao Brasil via Portugal no Séc. XVI, quando as primeiras feitiçarias condenadas e exiladas pelo Santo Ofício começaram a aportar em nossas terras. A magia ibérica daquele período já trazia uma grande influência da magia dos papiros, que cruzava sistemas e tradições livremente, onde vemos cristianismo, judaísmo e paganismo greco-egípcio misturados em feitiços diversos.

A maioria dos métodos e técnicas usados pelas bruxas dos tempos antigos tem pouca semelhança com aqueles usados pelas bruxas neopagãs de hoje. Muitas vezes o povo astuto praticava a observância da fé dual e os encantos, amuletos, orações e encantamentos que eles usavam invocavam Jesus, a Virgem Maria, a Trindade e a companhia dos santos. Os salmos eram usados para propósitos mágicos como feitiços e ainda estão em alguns círculos de feitiçaria tradicionais modernos. Com a chegada da nova fé do cristianismo e a supressão das antigas religiões pagãs, objetos como crucifixos, medalhões dos santos, a hóstia e a água benta foram amplamente usados pelos magos populares porque acreditavam possuir «virtude» ou energia mágica e poder de cura inerente. O simbolismo cristão era usado em rituais de magia popular envolvendo proteção psíquica, contra-magia e cura. Muitos dos antigos encantos pagãos foram cristianizados e alguns dos santos assumiram os atributos anteriores de deuses e deusas pagãos. As nascentes sagradas, anteriormente dedicadas às deusas, por exemplo, eram voltadas para a Virgem Maria ou para as mulheres, como Winefrede ou Bride. Os encantos de cura substituíram os nomes das divindades pagãs, como Woden, Loki e

Thor, pelos de Deus, de Jesus e do Espírito Santo. Muitos dos grimórios [medievais] usados pelas bruxas e praticantes da magia popular também continham inevitavelmente o simbolismo judaico-cristão.

Algumas bruxas tradicionais modernas ainda seguem a observância da fé dupla usando os salmos para propósitos mágicos, trabalhando com a companhia de santos e empregando imagens cristãs, simbolismo e liturgia, muitas vezes de maneira herética e subversiva. A bruxa neo-pagã fala de maneira que não prejudique ninguém, enquanto que a bruxa tradicional moderna – em comum com as astúcias das bruxas do passado – pode tanto curar quanto amaldiçoar quando surgir a necessidade. Aqui a magia, enquanto cristã, é indubitavelmente autêntica, e não um renascimento romântico. Práticas semelhantes podem ser encontradas no Vodou, Hoodoo, Santeria, Macumba, Ju-ju e Obeah nas Américas e na África. Um modelo católico do universo, incluindo o céu, o purgatório e o submundo, influenciou a aceitação congoleza e o uso do catolicismo em suas práticas mágicas, como Palo Mayombe. É tão útil na necromancia ocidental.⁴¹

Mesmo tendo se apartado completamente da tradição judaico-cristã seguindo por uma *via sinistra* demoníaca e luciférica, a feitiçaria tradicional brasileira veio deste berço e essa é a linha tênue através da qual a conecto com a feitiçaria goética da Idade Média e Antiguidade tardia. Um dos fatores de equivalência entre a feitiçaria dos papiros e a feitiçaria tradicional brasileira está na doutrina do *paredros*, o espírito tutelar. Nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS são listados tipos distintos de espíritos assistentes, dentre eles o *paredoi*, o espírito assistente da alma de um defunto, quer dizer, um *ancestral*.

Na *genuína* tradição da magia, uma das etapas preliminares da carreira mágico-iniciática é o conhecimento e a conversação com o espírito tutelar, pois é dele que provem todo poder e conhecimento que o feiticeiro apresenta possuir. Ao mesmo tempo que ele é um instrutor espiritual, também é um guardião, agente de destruição, de prosperidade material e, principalmente, de salvação: o feiticeiro da Antiguidade era profundamente preocupado com a deificação de sua alma. Obter o conhecimento e a conversação com o espírito tutelar, portanto, resolveria todos os seus problemas. Nós temos nos debruçado profundamente na doutrina do *paredros* e aqui não é necessário repetir as etapas do treinamento mágico que levam ao contato com ele. Por agora, vamos comparar o papel do *paredoi*, o espírito assistente da alma de um defunto com o Exu Tutelar (ou Exu Mestre) do feiticeiro-kimbanda.

Na feitiçaria tradicional brasileira o feiticeiro almeja alcançar por merecimento admissão na legião de Exus que compõem as Falanges de V.S. o Maioral de Quimbanda, Chefe Império dos Reinos de Exu. O feiticeiro-kimbanda solicita a V.S. o Maioral que lhe conceda um Exu Tutelar que tanto lhe admite como aluno, é agente de magia e guardião. Com seu auxílio, o feiticeiro almeja conquistar admissão às Hordas de Exus e Pombagiras através de um trabalho de profunda transformação espiritual. Para tal propósito o feiticeiro produz uma alquimia em seu *ochêma* (corpo astral) de tal modo que ele se torna um Ovo Negro de Luz. Essa alquimia quem opera é Exu com as vibrações emanadas do Trono de V.S. o Maioral e dos Sete Reinos da feitiçaria tradicional brasileira: encruzilhadas, cruzeiros, almas, matas, cemitérios, lira e praias. O Exu Tutelar do feiticeiro-kimbanda é o agente de comu-

⁴¹ Jake Stratton-Kent, THE TESTAMENT OF CYPRIAN THE MAGE. Scarlet Imprint, 2014. *Os colchetes são meus.*

nicação e transmutação entre o *ochêma* do feiticeiro e as poderosas forças dos Sete Reinos de Exus e Pombagiras. O glifo que representa essa alquimia negra da alma é a imagem da deusa Baphomet.



Baphomet por Asenat Manson.

Essa alquimia negra sobre a alma desperta suas potências. Como temos estudado, um genuíno praticante do caminho da mão esquerda não depende das virtudes dos deuses em planos de luz e perfeição para agregar a sua alma uma quantidade considerável de luz para torná-la um *augoeides*, quer dizer, um Ovo de Luz luminoso e resplandecente. Através do veneno da serpente o feiticeiro arranca das covas de sua alma suas potências inatas. Ele caminha, portanto, sobre suas próprias pernas. Por outro lado, Exu é puro dinamismo. Se há algo que Exu é inimigo, é a estagnação. É este dinamismo que o Exu Tutelar compartilha com o feiticeiro-kimbanda. Para cavar as profundezas obscuras da própria alma o feiticeiro-kimbanda precisa de intenso ímpeto dinâmico. Compartilhando do poder dinâmico de seu Exu Tutelar, o feiticeiro-kimbanda cava mais fundo as profundezas da alma, buscando o despertar de sua Chama Negra.

A feitiçaria tradicional brasileira é, portanto, uma medicina para alma. Através do contato com Exus e Pombagiras é possível despertar as potências inatas da alma através de um processo de cura espiritual. Diferente da ignorância generalizada, a feitiçaria tradicional brasileira é uma *Arte Negra* que opera uma alquimia na alma através da feitiçaria. Exus e Pombagiras podem ser convocados para aniquilação de medos e traumas, para organização da mente e cultivo da vontade, para libertação de vícios e maus hábitos, além de agentes de magia para todos os fins, ataque, defesa, energização ou purificação.

Assim, na busca pela sabedoria e poder de seu Exu Tutelar o feiticeiro-kimbanda se coloca na mesma jornada do feiticeiro dos papiros gregos; uma jornada, no entanto, universal, típica da tradição da magia em culturas diversas. Ao avaliarmos as funções do *paredros* e sua relação com o feiticeiro nos papiros (I.42-195), temos:

1. Poder de causar invisibilidade.
2. Poder de libertar uma pessoa de amarras na prisão e abrir portas.
3. Poder de mudar a forma do mago para animais que voam, quadrúpedes e répteis.
4. Poder de elevar o mago aos céus.⁴²
5. Poder de conferir ao mago riquezas.
6. Poder de ser adorado como um deus caso o mago tenha com esse deus certa intimidade.
7. O *paredros* torna-se o companheiro do mago, vive, come e dorme com ele.
8. O *paredros* revela com clareza tudo o que o mago precisa saber.
9. O *paredros* executa qualquer tarefa que o mago lhe apontar.
10. O *paredros* é um espírito aéreo, deslocando-se de um canto ao outro da Terra.
11. O *paredros* é capaz de se manifestar como um animal aéreo ou aquático, réptil ou quadrúpede.
12. O *paredros* se apresenta com *daimones* para auxiliar o mago.

Muitas dessas funções atribuídas ao *paredros* como espírito tutelar podem ser relacionadas tanto a Exu quanto a Pombagira nos Sete Reinos da feitiçaria tradicional brasileira.

1. *Poder de causar invisibilidade.* O Exu Tutelar (ou outros Exus Patronos) protege o feiticeiro-kimbanda com sua capa e tridente, escondendo-o e protegendo-o de seus inimigos e desafetos.
2. *Poder de libertar uma pessoa de amarras na prisão e abrir portas.* O Exu Tutelar protege o feiticeiro-kimbanda de prisões físicas ou psicossociais, libertando-o. Há muitas rezas de Exu para esse tipo de problema.

⁴² Neste caso, elevar no ar significa levar a alma do mago para longe do cativeiro do submundo após a morte.

3. *Poder de mudar a forma do mago para animais que voam, quadrúpedes e répteis.* Exu pode se metamorfosear em muitas formas. Por exemplo, Exu Panteira Negra é um caboclo da mata que às vezes se manifesta como uma pantera. Esse é um poder licantrópico de Exus e Pombagiras. Este poder pode ser transferido ao feiticeiro-kimbanda que pode a partir disso metamorfosear seu *ochêma*, tomando a forma de seus animais de poder.
4. *Poder de elevar o mago aos céus.* Era uma crença na Antiguidade que o *paredros* poderia auxiliar o mago na deificação de sua alma. Exu auxilia na deificação da alma do feiticeiro-kimbanda, quando ele passa a fazer parte das Legiões de V.S. o Maioral.
5. *Poder de conferir ao mago riquezas.* Os Exus e Pombagiras do Reino da Lira (ou qualquer reino) podem auxiliar o feiticeiro-kimbanda a obter conforto financeiro.
6. *Poder de ser adorado como um deus caso o mago tenha com esse deus certa intimidade.* Essa é uma crença baseada na ideia de que o *paredros* compartilha de seus poderes com o mago. Na Antiguidade, feitos taumatúrgicos conferiam notoriedade, daí *ser adorado como um deus*. Exus e Pombagiras compartilham de suas virtudes com o feiticeiro-kimbanda.
7. *O paredros torna-se o companheiro do mago, vive, come e dorme com ele.* Ao assentar Exus e Pombagiras em casa ou no templo, o feiticeiro-kimbanda traz o espírito da Legião para morar com ele. O espírito torna-se, portanto, um *familiar*.
8. *O paredros revela com clareza tudo o que o mago precisa saber.* O Exu Tutelar trabalha diretamente com o feiticeiro-kimbanda através de oráculos como búzios, ossos e cartas.
9. *O paredros executa qualquer tarefa que o mago lhe apontar.* O Exu Tutelar ou outros Exus e Pombagiras patronos auxiliam e socorrem o feiticeiro-kimbanda quando este necessita, seja para fins de alquimia na alma ou magia de ataque e defesa.
10. *O paredros é capaz de se manifestar como um animal aéreo ou aquático, réptil ou quadrúpede.* Novamente, o poder licantrópico do Exu. Veja no. 3 acima.
11. *O paredros se apresenta com daimones para auxiliar o mago.* Exus e Pombagiras se apresentam com uma Legião de espíritos para auxiliarem as demandas do feiticeiro-kimbanda.

Soldo: O Exu Tutelar da feitiçaria tradicional brasileira é o típico *paredoi*, espírito assistente ancestral dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS.

Laroyê Exu é Mojuba!

Fernando de Ligório

© 2020 Fernando Liguori

<https://www.filosofiaoculta.com/>
srikulacara@gmail.com

Publicação registrada sob o nº 546.785 no *Escritório de Direitos Autorais* do Ministério da Cultura/Biblioteca Nacional.

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste documento pode ser utilizado ou reproduzido – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriado ou estocado em sistema de banco de dados ou mídia eletrônica, sem a expressa autorização do autor.